

# **Geografia e Colonialismo: A Sociedade de Geografia de Lisboa na virada de Oitocentos**

Thiago Henrique Sampaio<sup>1</sup>

## **Resumo**

No século XIX, a Geografia buscava sua emancipação como ciência autônoma e o desenvolvimento dos conhecimentos geográficos tornaram-se importantes para diversos países. Na mesma época, diversos países europeus começaram uma nova etapa do colonialismo conhecido como Imperialismo que irá prevalecer na segunda metade de Oitocentos. Esta nova fase patrocinou a busca de novos territórios por motivos políticos, econômicos, sociais e culturais. A partir deste interesse por novas localidades ocorreram diversas viagens de explorações terrestres e o surgimento de inúmeras Sociedades de Geografia no continente europeu que participaram desta nova dinâmica colonizadora. O presente trabalho visa analisar a relação geografia e colonialismo no Oitocentos, partindo do estudo de caso da Sociedade de Geografia de Lisboa em finais de século.

**Palavras-chaves:** Sociedade de Geografia de Lisboa; Geografia; Colonialismo; Imperialismo

## **Abstract**

In the nineteenth century, geography sought emancipation as an autonomous science and the development of geographical knowledge became important for several countries. At the same time, several European countries began a new stage of colonialism known as imperialism that will prevail in the second half of the nineteenth century. This new phase sponsored the search for new territories on political, economic, social and cultural. From this interest in new locations occurred several trips of inland farms and the emergence of numerous Geography Societies in Europe who participated in this new colonial dynamics. This study aims to analyze the relationship geography and colonialism in the nineteenth century, based on the case study of the Lisbon Geographical Society by the end of century.

**Keys-words:** Lisbon Geographical Society; geography; colonialism; imperialism

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Assis)

## A geografia e o colonialismo no século XIX

Em meados do século XIX, começou a se tornar importante o desenvolvimento do conhecimento geográfico. Isso se deve porque após a Conferência de Viena (1815), as antigas casas dinásticas buscaram retornar as bases dos seus poderes, mas um novo fator apareceu nesta época, à ideia de Estado Nacional.

A o sentimento de Estado-nação surgido no século XIX foi responsável pela unificação de diversos territórios europeus até então fragmentados politicamente, como é o caso da Alemanha e da Itália. Esse ideal colocava suas populações como pertencente a um determinado território definido e limitado, diferente das épocas dinásticas.

A segunda metade de Oitocentos foi marcada pelos interesses dos países europeus no continente africano. Em todo o continente europeu proliferaram as sociedades de geografia que promoviam políticas de exploração geográfica que tinham pretensões de ocupação de territórios africanos, diversos países entraram nesse novo dinamismo: Espanha, Alemanha, Itália, França e Bélgica cobijavam espaços em África. Segundo Fernando Reis<sup>2</sup>:

As sociedades de geografia europeias tinham sido criadas durante a primeira metade do século XIX, e tinham desenvolvido trabalhos de exploração geográfica e científica com ampla divulgação nos periódicos e livros da época. As informações obtidas, apresentadas de forma atrativa, com mapas, imagens exóticas com reprodução da fauna e flora, atraíam a atenção de um público cada vez maior. Estas explorações chamavam também a atenção dos poderes políticos para as possibilidades de exploração económica.

Nos anos de 1876 a 1885 consolidou-se na Europa a ideologia colonial<sup>3</sup>, a maioria dos países aderiram ao envio de expedições científicas e militares pela partilha de territórios em outros continentes, motivada por motivos culturais, políticas e, principalmente, económicas. Segundo Adam Hochschild<sup>4</sup>, para os europeus, o continente africano foi durante muito tempo apenas uma fonte de valiosas matérias-primas, tirando isso, viam nesse continente uma localidade indefinida, vazia, à espera de quem a explorasse.

---

<sup>2</sup> REIS, Fernando. *Em Lisboa com olhos em África: a fundação da Sociedade de Geografia*. In: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e50.html> Acessado em 04 de junho de 2015.

<sup>3</sup> SANTOS, Maria Emília Madeira. *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*. Lisboa: Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978, p. 267.

<sup>4</sup> HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo: uma história de voracidade, terror e heroísmo na África colonial*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 39.

No último quartel do século, a corrida europeia para as possessões africanas foi justificada de vários modos, dizendo-se que era preciso cristianizar os pagãos, civilizar as “raças” selvagens e levar a todos os benefícios do livre comércio. As viagens de explorações a África, segundo Adam Hochschild<sup>5</sup>, criaram as primeiras celebridades internacionais numa Europa cada vez mais estreitamente entrelaçada pelo meios de comunicação que aforavam, a fama destes viajantes atravessava as fronteiras.

No mesmo período diversas conferências internacionais ocorreram, como é o caso da Conferência de Bruxelas (1876), convocada por Leopoldo II, da Bélgica, reunida sob os ideais científicos e “humanitários”, esta reunião pretendia resolver uma questão de equilíbrio político europeu que as ambições inglesas sobre o continente africano desencadeava situações alarmantes para as demais potências.

A principal consequência da Conferência de Bruxelas foi a criação da Associação Internacional Africana que permitiu a Leopoldo II desencadear seus projetos colonialistas na região do Congo. Esta instituição propunha-se a explorar cientificamente a localidade, abrir vias de comunicação com o interior e abolir a escravatura que permanecia na região<sup>6</sup>.

Nos anos de 1876 a 1884, intensificaram-se as viagens de explorações científicas ao continente africano. Em diversos momentos rivalidades históricas entre potências coloniais estiveram em jogo nessa nova etapa colonial. Com o aumento de tensão entre os diversos pretendentes dos territórios em África, organiza-se em Berlim convocada por Otto von Bismarck, chanceler alemão, para estabelecer novas regras de ocupação.

A Conferência de Berlim<sup>7</sup> foi inaugurada no dia 15 de novembro de 1884, surgida com o propósito de definir as ocupações militares, administrativas, econômicas e a delimitação de fronteiras de territórios controlados pelas potências coloniais, para impedir eventuais conflitos armados entre as diversas potências signatárias. Segundo Maria Emília Madeira<sup>8</sup>, após a Conferência de Berlim,

Ocorrem novas direções na partilha do mundo entre as potências colonialistas: os projetos relativos ao continente africano definem-se. Em princípio, trata-se de uma partilha cartográfica negociada por

---

<sup>5</sup> HOCHSCHILD, Adam. *Op. cit.*, p. 47.

<sup>6</sup> SANTOS, Maria Emília Madeira. *Op. cit.*, p. 269.

<sup>7</sup> As potências participantes da Conferência de Berlim foram: Alemanha, Império Austro-Húngaro, Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos, França, Espanha, Inglaterra, Itália, Países Baixos, Portugal, Império Otomano e Reino da Suécia e Noruega.

<sup>8</sup> SANTOS, Maria Emília Madeira. *Op. cit.*, p. 351.

conveniências estranhas ao continente. Não se fazia questão em vender ou trocar territórios, desde que o equilíbrio europeu não fosse afetado. No entanto, o ritmo acelera-se, os atritos crescem e em 1890 as tensões são já grandes.

Até 1885 não havia uma política colonial em relação à África, cada potência tinha suas ambições territoriais no continente negro. Inglaterra, Alemanha e França disputavam e procuravam estender as suas influências sobre os territórios considerados mais vantajosos e lucrativos<sup>9</sup>. O direito histórico era usado até então para justificar a posse de territórios.

Ao longo da conferência foram abordados diversos temas. Seu maior objetivo foi a elaboração de um conjunto de regras para legitimar a conquista da África de forma mais organizada possível.

Quando a Conferência terminou, uma de suas consequências foi a substituição do direito histórico pela ocupação efetiva de territórios. José Luís Cabaço afirma que tal fato marcou a urgência do capital industrial e financeiro europeu em se apropriar diretamente das matérias-primas, do controle da produção e dos meios de produção dos territórios ultramarinos<sup>10</sup>.

Desta forma, o novo direito colonial reconhecia que os territórios em África pertenciam aos países que pudessem comprovar a existência de autoridades suficientemente fortes para fazer respeitar seus direitos adquiridos e o livre comércio<sup>11</sup>.

### **A Sociedade de Geografia de Lisboa e o I Congresso Colonial Nacional**

Fundada em 31 de dezembro de 1875, por um grupo de intelectuais, a Sociedade de Geografia de Lisboa, foi uma instituição tardia na corrida colonial se comparada com seus pares das demais potências europeias. Em seus dois primeiros artigos de seu estatuto foram definido suas obrigações:

É criada uma sociedade que tem por objetivo o estudo, a discussão, o ensino, as investigações e as explorações científicas de geografia nos seus diversos ramos, princípios, relações, descobertas, progressos e aplicações.  
A sociedade consagrar-se-á especialmente, na esfera da sua atividade científica, ao estudo e ao conhecimento dos fatos e documentos relativos à Nação portuguesa.

---

<sup>9</sup> MARQUES, A H. de Oliveira. *História de Portugal: das revoluções liberais aos nossos dias*. v. II. Lisboa: Palar Editores, 1998, p. 166.

<sup>10</sup> CABAÇO, José Luis. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 34.

<sup>11</sup> SANTOS, Maria Emília Madeira. *Op. cit.*, p. 352.

A sede da sociedade é em Lisboa e a sua denominação: SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA<sup>12</sup>.

Seu surgimento foi no contexto de exploração e colonização do continente africano. Nesta época, ocorreu o surgimento de diversas sociedades científicas pela a Europa com o propósito de estudos geográficos na África e os interesses portugueses começavam a se colidir com as demais potências coloniais:

O potencial de risco para os interesses portugueses resultante deste grande impulso lançado em nome da ciência geográfica ficou logo evidente nas consequências da reunião de exploradores promovida em 1876 em Bruxelas pelo Rei Leopoldo II, donde saiu a criação de uma Associação Africana Internacional, encabeçada por uma Comissão Internacional, cuja presidência o Rei assumiu, e que anunciou como projecto imediato a exploração da África Central, mediante a criação de estações civilizadoras entre Luanda e Zanzibar, através de terras que os portugueses se tinham habituado a conceber como estando associadas à segurança da sua presença em Angola. Que nenhum português tivesse sido convidado a participar num encontro em que se deliberou sobre a acção em terras onde Portugal era a única potência europeia a ter então uma presença continuada, anunciava aos observadores de Lisboa o desencadear de forças que iriam afectar em muito os interesses nacionais<sup>13</sup>.

No período de 1876 a 1880, a Sociedade de Geografia de Lisboa buscou concentrar forças para assegurar o lugar do povo português ao movimento colonial moderno de finais de Oitocentos.

Em 1876, começou a publicação do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Seus primeiros números, segundo Helena Wakim Moreno<sup>14</sup>, contava com poucas páginas e discussões que pouco tangenciavam ao continente africano e asiático, centravam-se em discussões de cartografia e ensino de geografia em Portugal. Estas obras mostravam que

a sua missão consiste em imprimir no espírito da atual geração a necessidade destes trabalhos, tão vastos nos seus detalhes e tão importantes nos seus resultados; em aconselhar o que deve fazer-se, em

---

<sup>12</sup> “Estatutos da Sociedade de Geografia de Lisboa”. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1876.

<sup>13</sup> História da Sociedade de Geografia de Lisboa. In: <http://www.socgeografialisboa.pt/historia> Acessado em 19 de março de 2015.

<sup>14</sup> MORENO, Helena Wakim. Questões ao sul: notas acerca do Congresso Colonial Nacional da Sociedade de Geografia de Lisboa. III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico / I Encontro Nacional de Geografia História. 2012, p. 02.

que territórios as explorações devem ser dirigidas e qual a necessidade ou o valor desses cometimentos<sup>15</sup>.

Segundo Ângela Guimarães<sup>16</sup>, aparecia com clareza, ao analisarmos os documentos da Sociedade de Geografia de Lisboa uma fração da elite portuguesa consciente dos perigos que representava para o país a rede que estava apertando em torno das suas possessões na África Austral, assim seu principal intuito era preservar o que Portugal ainda tinha na África.

Ao longo das décadas de 1870 e 1880, a política colonial da Sociedade de Geografia de Lisboa era baseada em quatro princípios: pressão ao governo para que marcasse posição na corrida colonial de finais de XIX; ênfase em ações diplomáticas; intervenção na política interna e estrutura de uma política colonial. Desta forma, para Ângela Guimarães, a dinâmica colonialista da instituição tomou os seguintes meios para seus fins:

| <b>Pressão junto ao governo para marcação de posição na política colonial</b>   | <b>Ação Diplomática</b>   | <b>Intervenção na política interna</b>   | <b>Estrutura de uma nova política colonial</b>   |
|---|---|--|--|
| Apelo da Sociedade de Geografia de Lisboa ao Rei e ao Governo para decidir o Estado português lançar-se no movimento geográfico internacional e na colonização efetiva. | Intensa atividade da Sociedade de Geografia de Lisboa tendo em vista participar nas atividades da Associação Internacional Africana para a Exploração e Civilização da África | Elaboração de uma ideologia colonial consequente e de acordo com a realidade nacional.   | Estudo e definição de uma linha diretiva em política colonial.   |
| Organização de uma exploração portuguesa à África Central, tendo em vista estabelecer de fato direitos portugueses na localidade.                                       | Presença nas reuniões científicas e políticas internacionais que de algum modo podiam servir os objetivos da instituição e a promovê-la a nível internacional.                | Difusão dessa ideologia por todos os meios ao seu alcance.                               | Esforço considerável no sentido de criar um Curso Colonial Português destinado a formar os funcionários coloniais. |
|   | Ação permanente no sentido de obter o reconhecimento internacional de limites favoráveis às possessões portuguesas.   | Esforço de captação de todas as energias e recursos nacionais para apoiar as suas ações. | Elaboração de um vasto plano de colonização com base no estabelecimento de estações civilizadoras.                 |

<sup>15</sup> BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA. I série 1876-1878, p. 121.

<sup>16</sup> GUIMARÃES, Ângela. *Uma corrente do colonialismo português: A Sociedade de Geografia de Lisboa (1875-1895)*. Lisboa: Livro Horizonte, 1984, p. 25.

|  |   |  |  |
|--|---|--|--|
|  | Recolha e publicação de todos os documentos e estudos históricos diversos que poderiam servir de base ao argumento dos direitos históricos de Portugal e sua difusão internacional. |  |  |
|--|---|--|--|

Fonte: GUIMARÃES, Ângela. *Uma corrente do colonialismo português: A Sociedade de Geografia de Lisboa (1875-1895)*. Lisboa: Livro Horizonte, 1984, p. 25. (Adaptado pelo autor)

Após a Conferência de Berlim até finais da década de 1890, a Sociedade de Geografia de Lisboa dedicou sua atenção a orientar a política colonial e suas administrações para o conjunto dos territórios no continente africano, embora sua maior atenção deu-se em Moçambique.

Com a crise desencadeada com o *ultimatum* britânico de 1890, a Sociedade de Geografia de Lisboa liderou um amplo movimento de revolta antibritânico, manifestaram-se com diferentes declarações que dirigiam aos órgãos políticos e instituições estrangeiras.

Após suas manifestações ao *ultimatum* e as negociações do Tratado Anglo-Português de 1891, a Sociedade de Geografia de Lisboa retomou a ideia de criação de um curso de política colonial<sup>17</sup> para a formação de funcionários ultramarinos eficientes para a melhoria da administração das colônias portuguesas.

Segundo Ângela Guimarães<sup>18</sup>, nos anos que se seguiram o *ultimatum* a composição da Sociedade de Geografia de Lisboa sofreu modificações: o número de sócios aumentou exponencialmente. No fim de 1889 eram 273 e em 1891 atingiu o número de 549, uma evolução de 101% no número de pesquisadores envolvidos na instituição.

Após as definições das colônias de Moçambique e Angola foram necessárias consolidar a presença de Portugal no interior das colônias, mas as dificuldades para tal feito iam muito além de vontades nacionais, não se poderia tomar nenhuma medida sem grandes estudos.

<sup>17</sup> O curso apresentaria as seguintes disciplinas: 1. Instrução Científica: História da colonização antiga e moderna; Geografia colonial; Direito internacional e marítimo; Economia política; Administração Colonial; Química Agrícola; Botânica Agrícola e florestal ultramarina; Geografia Médica; Patologia Colonial. 2. Educação Linguística: Glotologia geral; Suahili; Chinês; Tetum; Árabe; Hindi; Tamil; Mandinga; Guazarati; Sânscrito; Hebraico; Páli; Grego. 3 Educação Ginástica: Natação; Equitação; Esgrima; Carreira do tiro; Exercícios militares; Paralelas; Alteres e Argolas. GUIMARÃES, Ângela. *Uma corrente do colonialismo português: A Sociedade de Geografia de Lisboa (1875-1895)*. Lisboa: Livro Horizonte, 1984, p. 203-204.

<sup>18</sup> GUIMARÃES, Ângela. *Op. cit.*, p. 214.

Em 1901, a Sociedade de Geografia de Lisboa organizou o Primeiro Congresso Colonial Nacional para debater os desafios para a ocupação mais profunda das colônias portuguesas. As conferências e estudos produzidos para o evento foram publicados nos números 18 e 19 da série dos *Boletins da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Os materiais debatidos no congresso poderiam debater de assuntos específicos ou versavam superficialmente certas temáticas.

Segundo Helena Moreno<sup>19</sup>, as conferências poderiam ser enquadradas em 6 temas: agricultura e economia; legislação e administração; militar; relatos de viagem; história e geografia; medicina. Conforme a divisão feita pela autora na tabela seguinte:

| <b>Título</b>   | <b>Autor</b>                             | <b>Seção</b>                                     | <b>Série</b> | <b>Tema</b>                |
|---|--|--|--------------|----------------------------|
| As nossas riquezas coloniais  | José de Macedo                           | Estudos Coloniaes                                | 18           | Agricultura e economia     |
| Ideias sobre a colonização europeia na província de Angola  | Visconde de Giraul                       | Estudos Coloniaes                                | 18           | Legislação e administração |
| A força armada em Timor   | Raphael das Dores                        | Estudos Coloniaes                                | 18           | Militar                    |
| Missão romanda na província de Moçambique   | A. A Terry                               | Estudos Coloniaes                                | 18           | Relatos de viagem          |
| O problema das obras públicas nas suas relações com o progresso e desenvolvimento dos nossos domínios africanos | Henrique Cesar da Silva Barahona e Costa | Conferências preparatórias do Congresso Colonial | 19           | Agricultura e economia     |
| Iniciativas financeiras e econômicas no Ultramar  | Simões de Almeida                        | Conferências preparatórias do Congresso Colonial | 19           | Agricultura e economia     |
| Impressões de uma viagem às ilhas de São Thomé e Príncipe   | Dr José Paulo Monteiro Cancellia         | Conferências preparatórias do Congresso Colonial | 19           | Relatos de viagem          |
| A nossa legislação ultramarina – análise crítica  | J. C. Carvalho Pessoa                    | Conferências preparatórias do Congresso Colonial | 19           | Legislação e administração |
| Considerações gerais sobre História colonial – Esboço geográfico-histórico dos territórios                      | Vicente Almeida Eça                      | Conferências preparatórias do Congresso Colonial | 19           | História e geografia       |

<sup>19</sup> MORENO, Helena Wakim. *Op. cit.*, p. 06-07.

|   |                          |                   |    |                            |
|---|--------------------------|-------------------|----|----------------------------|
| portugueses entre o Índico e o Nyassa                         |                          |                   |    |                            |
| Colônia militar-agrícola comercial em Satary                  | Xavier Machado           | Estudos Coloniaes | 19 | Agricultura e economia     |
| Os três maiores inimigos do colono português em África        | José Francisco Vieira    | Estudos Coloniaes | 19 | Medicina                   |
| As companhias portuguesas de colonização                      | Tito Augusto de Carvalho | Estudos Coloniaes | 19 | Agricultura e economia     |
| Estudo comparado das espécies vegetais produtoras de borracha | Dr. Julio Henriques      | Estudos Coloniaes | 19 | Agricultura e economia     |
| Esquadrilhas coloniais  | João Baptista Ferreira   | Estudos Coloniaes | 19 | Militar                    |
| A administração civil em nossas colônias africanas            | Eduardo Costa            | Estudos Coloniaes | 19 | Legislação e administração |
| Apontamentos para um dicionário corográfico de Timor          | Raphael das Dores        | Estudos Coloniaes | 19 | História e geografia       |

Pelas conferências abordadas pelo evento, percebe-se que a África era um dos principais problemas da política colonial portuguesa. O desenvolvimento econômico e as mudanças solicitadas para a administração das colônias visavam uma maior integração do Estado português nas novas demandas colonialista da virada de Oitocentos frente às vigentes determinações da economia mundial.

### **Considerações Finais**

O final de Oitocentos foi marcado por uma nova etapa colonialista em direção ao continente africano e asiático. A ciência geográfica, na mesma época, tornou-se autônoma e ajudava os europeus nesta nova empreitada.

Na segunda metade do século XIX com o florescimento de diversas Sociedades de Geografia, que planejava e participavam de políticas colonialistas em África, e viagens de exploração, necessitou-se a realização de diversas conferências, como a de Bruxelas e de Berlim, para organizar a ocupação efetiva dos territórios reivindicados pelas potências coloniais.

Portugal, país historicamente colonizador, teve sua sociedade de geografia fundada em 1875, denominada Sociedade de Geografia de Lisboa que entrou tardiamente nessa

onda colonialista comparada com seus congêneres europeus. Ela tornou-se a principal porta voz das políticas coloniais portuguesas empreendidas em África no último quartel de Oitocentos.

Em início do século XX, o Primeiro Congresso Colonial Nacional, realizado pela Sociedade de Geografia de Lisboa, se pôs como um evento de discussão para assuntos da política colonial portuguesa. O momento de sua realização evidenciou um enraizamento das novas doutrinas portuguesas em seus domínios em África.

### **Referências**

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA. I série 1876-1878.

CABAÇO, José Luis. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

“Estatutos da Sociedade de Geografia de Lisboa”. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1876.

GUIMARÃES, Ângela. *Uma corrente do colonialismo português: A Sociedade de Geografia de Lisboa (1875-1895)*. Lisboa: Livro Horizonte, 1984.

HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo: uma história de voracidade, terror e heroísmo na África colonial*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

MARQUES, A H. de Oliveira. *História de Portugal: das revoluções liberais aos nossos dias*. v. II. Lisboa: Palar Editores, 1998.

MORENO, Helena Wakim. Questões ao sul: notas acerca do Congresso Colonial Nacional da Sociedade de Geografia de Lisboa. III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico / I Encontro Nacional de Geografia História. 2012.

REIS, Fernando. *Em Lisboa com olhos em África: a fundação da Sociedade de Geografia*. In: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e50.html> Acessado em 04 de junho de 2015.

SANTOS, Maria Emília Madeira. *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*. Lisboa: Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978.